



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

JAILSON PEREIRA BARBOSA

**RECONSTRUÇÃO E MEMÓRIA DA CAPOEIRA PARAÍBANA E SUA
VALORIZAÇÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL**

JOÃO PESSOA

2017

JAILSON PEREIRA BARBOSA

**RECONSTRUÇÃO E MEMÓRIA DA CAPOEIRA PARAÍBANA E SUA
VALORIZAÇÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Arquivologia.

Orientador: Prof. Me. Eutrópio Pereira
Bezerra.

JOÃO PESSOA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238r Barbosa, Jailson Pereira.
Reconstrução e memória da capoeira paraibana e sua valorização como patrimônio cultural. [manuscrito] / Jailson Pereira Barbosa. - 2017.
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Eutrópio Pereira Bezerra, Coordenador do Curso de Arquivologia-CCBSA."

1. Capoeira. 2. Cultura negra. 3. Patrimônio imaterial. 4. Preservação da memória.

21. ed. CDD 796.13



JAILSON PEREIRA BARBOSA

**RECONSTRUÇÃO E MEMÓRIA DA CAPOEIRA PARAIBANA E SUA
VALORIZAÇÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL**


Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Arquivologia da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
Grau de Bacharel em Arquivologia.

DATA DE APROVAÇÃO EM 18 de Dezembro de 2017.

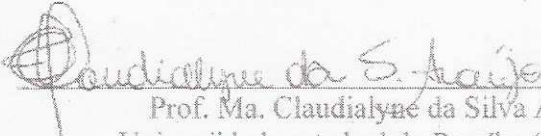
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Entônio Pereira Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientador



Prof. Ma. Esmeralda Porfírio de Sales
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Claudialyne da Silva Araújo
Universidade estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO primeiramente a Deus, a todos os meus amigos que conquistei na universidade, os quais me apoiaram nos momentos difíceis pelos quais passei durante o período de meus estudos, bem como, em especial, aos meus pais, à minha esposa e a meus dois filhos que sempre lutaram do meu lado para que eu pudesse alcançar tal formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Ma. Esmeralda de Sales Porfírio, então coordenadora do curso de graduação em arquivologia durante o período de minha graduação, por seu empenho;

Ao Prof. Mestre Eutrópio Pereira Bezerra pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação;

Ao meu pai Djalma da Silva Barbosa pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares;

À minha mãe Maria das Neves Pereira Barbosa, ao meu irmão Joel Pereira (*in memoriam*) cuja presença, embora estando fisicamente ausente, eu sentia ao meu lado dando-me força, ao meu irmão Jeferson Pereira e à minha irmã Janaina Pereira;

À minha esposa Andréa Barbosa e aos meus filhos Jailson Jr. e Ana Flávia pela compreensão e pelo apoio que me deram durante minha jornada de estudos;

Ao meu amigo e professor mestre Pablo Machel e, em especial, a dois amigos, Clébio Vitorino e Eveline Suellen, pelo apoio e dedicação nos trabalhos ao longo dos quase cinco anos que passamos juntos;

Aos professores do Curso de Arquivologia da UEPB, Sandêrson Dornelles e Suerde Brito, e especialmente ao meu orientador Eutrópio Pereira Bezerra os quais contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa;

Aos funcionários e servidores da UEPB, aos técnicos administrativos e aos seguranças da Universidade, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário;

Finalmente, aos colegas de classe pelos momentos de amizade e suporte.

Minha história se resume da seguinte maneira: brincava a capoeira, comia capoeira, dormia capoeira, ia trabalhar escutando músicas de capoeira e até em minhas horas de repouso descansava treinando a capoeira.

MESTRE ZUNGA

RESUMO

A capoeira trazida pelos povos africanos refugiados no Brasil, no período da colonização, foi adotada como uma cultura popular brasileira. Após fincar raízes no Brasil, mais precisamente nos Estados do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco onde ocorreu o seu desenvolvimento ao começar a ganhar espaços pelo mundo a ponto de hoje estar expandida em mais de 150 países, a capoeira tornou-se reconhecida após muitas lutas enfrentadas as quais culminaram com o seu tombamento como patrimônio cultural imaterial. Isso posto, esta pesquisa tem como objetivo reconstruir a memória da capoeira e sua valorização enquanto patrimônio cultural imaterial segundo a ótica de sua prática no estado da Paraíba e a partir da perspectiva dos mestres capoeiristas paraibanos. Assim, esta investigação compreende uma pesquisa exploratória coadunada a uma bibliográfica e respaldada em um estudo de caso. Os objetivos foram alcançados por meio do método qualitativo e de uma metodologia de coleta de dados baseada em entrevista dos mestres de capoeira residentes em Cabedelo e João Pessoa, na Paraíba, cujas informações foram alimentadas e complementadas por intermédio do levantamento bibliográfico inerente às práticas da capoeira no Brasil.

Palavras-Chave: Capoeira. Cultura Negra. Patrimônio Imaterial. Preservação da Memória.

ABSTRACT

Capoeira brought by the African people refugees in Brazil in the period of colonization was adopted as a Brazilian popular culture. After planting roots in Brazil, more precisely in the states of Rio de Janeiro, Bahia and Pernambuco where its development took place as it began to gain space throughout the world, to the point that today it is expanded in more than 150 countries, capoeira has become recognized after many struggles that culminated in its toppling as intangible cultural heritage. Thus, this research sought to reconstruct the memory of capoeira and its valorization as immaterial cultural heritage according to the perspective of its practice in the state of Paraíba and from the view of the capoeirista masters from Paraíba. Therefore, this research comprises an exploratory research in line with a bibliography and supported in a case study. The objectives were achieved through the qualitative method and a data collection methodology based on an interview of capoeira masters living in Cabedelo and João Pessoa, in Paraíba state, whose information was fed and supplemented through the bibliographical survey inherent to the practices of capoeira in Brazil.

Keywords: Capoeira. Black Culture. Intangible Heritage. Memory Preservation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COEX	Coordenação de Extensão Cultural
IES	Instituto de Ensino Superior
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.	1
2	A ORIGEM DA CAPOEIRA		13
2.1	A CAPOEIRA ENQUANTO MANIFESTAÇÃO CULTURAL		16
2.2	O USO DOS INSTRUMENTOS NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL		20
2.3	O TOMBAMENTO DA CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BRASIL		24
3	METODOLOGIA		27
4	HISTÓRIA DOS MESTRES DE CAPOEIRA DA PARAÍBA		30
4.1	UM DIÁLOGO ENTRE O TEMPO HISTÓRICO PASSADO E O TEMPO PRESENTE DOS MESTRES DA CAPOEIRA		31
4.2	A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA NO ESTADO DA PARAÍBA		35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS		38
	REFERÊNCIAS		40
	APÊNDICE A		43
	APÊNDICE B		45

1 INTRODUÇÃO

O protagonista da capoeira na Paraíba, reitere-se, foi o mestre Zumbi Bahia na década de 1970 a partir do momento em que ele deu os primeiros passos de seus gingados no território paraibano. Quanto a isso, existem registros historiográficos que dataram sua vinda para fixar suas raízes na Paraíba nos anos 70 do século XX tal como um marco histórico dentro do estado.

Pontue-se que, em 1977, o mestre Zumbi Bahia organizou uma apresentação cultural na capital junto à qual se pôde contar com a participação do grupo “Filhos de Obá” que se apresentou com vistas a dar o pontapé inicial do assentamento do mestre em solo paraibano, mais precisamente em João Pessoa. Ademais, após alguns dias dessa importante apresentação, o mestre Zumbi Bahia recebeu um convite do historiador e folclorista tenente Lucena para desenvolver um trabalho social no SESC João Pessoa.

Ainda por cima, um grande evento foi realizado na antiga Coordenação de Extensão Cultural (COEX) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB onde ocorreu o espetáculo “Berimbau de Ouro Show”, evento, este, que contou com o apoio e a contribuição de Zumbi Bahia. Em se tratando disso, ao término do evento realizado na capital, a procura desencadeada por novos alunos que desejavam entrar para o mundo da capoeira cresceu significativamente nos cursos desenvolvidos por professores de capoeira no estado.

Ao perceber a necessidade dessa articulação, a superintendência do IPHAN na Paraíba realizou, no ano de 2016, o primeiro fórum para salvaguarda da história da capoeira na capital paraibana com o objetivo de divulgar as informações que foram e serão produzidas pelo processo nacional de registro e organização do plano de salvaguarda voltado para as demandas específicas de mestres, contramestres, educadores e grupos de capoeira presentes no estado. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN/CNFCP, 2006, p. 15s.).

Na Paraíba, a capoeira, desde que surgiu, mudou a vida de muitos jovens, a exemplo da minha própria vida, dado que pratiquei a capoeira durante alguns anos no grupo Arte Brasil que se mantinha instalado no Centro Social Urbano em João Pessoa – PB por onde registrei, através de fotografias, os melhores momentos da minha vida enquanto esportista. Frise-se ainda que a capoeira hoje está bastante expandida em mais de 150 países no mundo os quais abraçaram nossa cultura.

Nas universidades, nas escolas de Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio ou nas ruas, a prática da capoeira tornou-se um esporte para todas as classes sociais; porém ainda faltam incentivos por parte das políticas governamentais, quer sejam das esferas municipais quer sejam das estaduais, bem como do carro-chefe que é o governo federal. Na filosofia do esporte, o praticante, quando se dedica, aprende a ter humildade e a conviver com o próximo. Capoeira é cidadania, esporte, cultura, dança folclórica, arte e lazer de sorte tal que, na capoeira, tanto são adquiridas como são também repassadas informações através do movimento do corpo, do jogo, dos golpes, da dança folclórica e da educação, como também da humildade com o próximo.

Portanto, pretende-se cá abordar a capoeira como patrimônio cultural imaterial no viés da perspectiva arquivística tal como estudo de pesquisa com foco na rede multidisciplinar de conceitos existente sobre o referido tema em que pese a valorização do acervo fotográfico da capoeira existente na Paraíba, postulando-se como detentoras do acervo as associações de capoeira dentro do Estado.

Através desse acervo documental fotográfico, devemos organizá-lo de forma a preservar e conservar a memória da capoeira tal qual manifestação da cultura brasileira, não só restringindo tamanha conservação à sua natureza fotográfica, mas também à documental que é gerada pelas associações na cidade de João Pessoa – PB; uma vez que poderá vir a contribuir para o acesso ao registro das futuras gerações, seja no âmbito acadêmico ou até mesmo para possíveis pesquisas pessoais. Sendo assim, não podemos deixar que sejam esquecidas essas provas registradas por meios de fotografias junto às quais a valorização da capoeira é retratada como cultura, visto que, apesar de ser tombada como patrimônio cultural imaterial, ainda é bastante esquecida por parte das competências governamentais.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho consiste na reconstrução da memória da capoeira e na valorização do acervo fotográfico existente na Paraíba que tem como responsáveis as associações criadas pelos grupos de capoeira.

Além do mais, tem-se como objetivos específicos relatar a trajetória da capoeira na Paraíba enquanto cultura; consolidar a memória e preservação do acervo fotográfico no estado; retratar a importância dos instrumentos utilizados na manifestação cultural; e propor a constituição de um acervo fotográfico.

2 A ORIGEM DA CAPOEIRA

Conforme destaca Alisson Rafael de Sousa Lopes (2010), a palavra ‘capoeira’ significa “mata rasteira” de maneira que sua representação dentro da cultura popular brasileira abrange tanto o componente da dança folclórica quanto da brincadeira ou até mesmo das artes marciais. Foi desenvolvida no Brasil pelos negros, originários do continente africano, possuindo duas qualidades de se jogar ou lutar, a saber, a regional e a angola. Ambas são jogadas ao som dos instrumentos como o berimbau, o pandeiro, o caxixi e o atabaque.

Nesse particular, no interior de uma roda de capoeira, existem perguntas e respostas em meio às quais os oponentes usam a ginga de seus corpos tanto para perguntar como para responder. Ademais, tal qual um disfarce cultural, a capoeira era empregada, na verdade, como uma forma de resistência, uma vez que seria necessário se proteger dos domínios senhoriais nas senzalas. Dessa maneira, os negros escravizados jogavam, lutavam ou dançavam a capoeira ao fazerem simulações para que os capatazes não percebessem que eles estariam treinando e aperfeiçoando seus conhecimentos de luta marcial os quais eram implementados enquanto armas no momento em que precisassem ou fosse necessário para se defenderem.

Ainda segundo Rocha (2004), o vocábulo ‘capoeira’ significa “mato cortado ou destruído”. Além do mais, a capoeira, introduzida no Brasil no século XVI pelos negros bantos de angola, foi reconhecida como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos em 1972 em âmbito nacional. Já a ‘capoeiragem’ implica no sistema de luta subjacente à capoeira. Destarte, a capoeira compreende uma luta de resistência que foi desenvolvida na calada da noite sem os olhares dos senhores, que diziam ser os proprietários dos negros escravos, e dos feitores, que cumpriam as ordens de castigar aqueles cativos que fossem flagrados praticando tal jogo, dança ou luta. Em verdade, como os escravos compreendiam um povo sofrido que vivia ou, melhor dizendo, subsistia e sobrevivia em péssimas condições de vida, caracterizadas por maus tratos dentro das senzalas sob a constante vigilância dos feitores, os negros já não aceitavam mais tal tratamento desumano imposto pela aristocracia e burguesia da época.

Afora isso, existem alguns questionamentos sobre a verdadeira origem da capoeira, se realmente foi criada no Brasil ou se surgiu na África. Demais, há ainda uma parcela da população a alegar que a capoeira foi criada pela comunidade indígena.

Seja como for, conforme Lopes (2010) pontua, o povo banto, etnia africana que praticava a “dança da zebra” na África, em sua diáspora forçada, trouxe valores que

estruturam a prática da capoeira, tendo havido, em sua formação identitária, influência tanto da cultura africana, por intermédio de Orubá e dos seguidores do Candomblé, quanto da etnia tupi. Nisso alicerçado, a palavra ‘capoeira’ possivelmente vem do tupi, significando “mato ralo”, consoante ensina Eusébio Lobo da Silva (2008) em sua obra “O Corpo na Capoeira”.

Segundo Lopes (2010), os principais estados que começaram a praticar a capoeira foram: Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. É importante destacar que, durante muito tempo, quem fosse flagrado praticando, jogando ou dançando capoeira seria preso. Na Bahia, quando o capoeirista era pego pela polícia, ele era amarrado ao rabo do cavalo e arrastado pelas ruas até chegar numa delegacia e ser preso. Vê-se, assim, que as autoridades usavam de extrema violência para combater esta prática que era discriminada pela população, muito embora alguns valorizassem e até praticassem a capoeira à medida que outros afirmavam ser esporte de marginais. Disso decorrente, na roda de capoeira, o mestre que estava tocando o berimbau tinha o dever de tocar o toque de cavalaria para alertar aos praticantes da modalidade que o policiamento estava se aproximando deles a fim de que todos parassem de dançar e/ou lutar e se espalhassem no sentido de evitar um confronto com as autoridades policiais.

Por sua vez, com o advento de sua legalidade depois de transcorridas muitas décadas, a capoeira veio, portanto, a ser reconhecida e adotada como profissão, tornando-se um esporte praticado em mais de 150 países. Por conta disso, estima-se que existem mais de cinco milhões de praticantes deste esporte só no Brasil nos tempos atuais. A origem da capoeira, sem sombras de dúvidas, está diretamente envolvida ao movimento da resistência negra através da qual esses povos procuravam expressar a cultura inerente ao seu contingente populacional. Assim sendo, enquanto componente reacionário, a capoeira era empregada como arma para a defesa dos escravizados, da mesma forma que os rituais e celebrações religiosas características do Candomblé, como uma forma de distrair as noites sofridas nas senzalas, apesar de, no dia a dia, os negros sofrerem as perseguições e constantes intervenções das autoridades constituídas justamente em razão dos meios de reação ou contestação utilizados pelos escravos.

Embora, durante séculos, tal arte tenha sido perseguida pelas autoridades em decorrência da crescente resistência, o processo a permitir a conscientização da parcela da sociedade que tinha uma visão sobre a capoeira como “esporte de marginais” foi lento e gradual a ponto de ter sido, por muito tempo, bastante polemizada a sua expressão artística por parte da sociedade. Após uma grande conquista e sendo incentivada até dentro das universidades, a capoeira passa a ser vista pela população como uma arte marcial que

contribui e faz bem para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes em seus múltiplos aspectos.

Em sendo assim, apenas a partir da percepção de que seus benefícios atingem tanto a mente como o corpo é que se começou a perceber a necessidade de valorizar este ato público o qual antes só era inventariado como esporte de desocupados, meliantes ou marginais. Em vista disso, em uma civilização onde a desigualdade social era extremamente gritante e desumana, é perceptível o agradecimento dos praticantes de capoeira frente à atitude do governo brasileiro de valorizá-la oficialmente a partir do seu tombamento como patrimônio cultural imaterial em 2008, posto que ela é considerada a quinta maior manifestação pública da cultura brasileira.

Ora, através do exercício da capoeira, os seus adeptos puderam passar a conhecer e também respeitar os direitos e deveres do seu próximo, bem como seus limites e a capacidade de interagir com seus semelhantes dentro de um meio social em que poucos são respeitados e até mesmo enxergados como seres humanos dignos. Ao ultrapassar essas barreiras de interação com o público, o capoeira passa a conferir mais valor a comunidade, preservando e respeitando o seu concidadão.

Todavia, faz-se mister ainda esclarecer que, no seio da capoeira, como também em outras artes marciais, infelizmente existe e deveras persiste a violência por parte de alguns participantes, por falta de competitividade, ética e respeito que deve e deveria existir sempre dentro de quaisquer estilos de lutas ou formas de treinamento. A violência então só é revertida neste campo de atuação quando os mestres de capoeira procuram impor uma disciplina de moral e ética dentro e fora da roda de capoeira, dado que, por ser ensinada nas periferias onde os índices de criminalidade são bem maiores, caso não haja uma disciplina no treinamento, os seus usuários poderão usá-la para gerar ainda mais violência e para aumentar a criminalidade urbana.

Nessa toada, destaque-se que os estudos da capoeira deveriam ser lecionados nas escolas como uma disciplina extracurricular, principalmente pelo fato de ser ela de origem afro a qual relata a história da raça negra estando na condição de escravos. De feito, a capoeira já deveria ter sido adotada como matéria em alguns cursos dentro da grade curricular de Educação Física, de Artes e até mesmo no de História, dentre outros, posto que, quando lecionada, possibilita reacender toda a história dos antepassados de origem africana. Lamentavelmente, diante desse cenário, certas resistências, na universidade, ocorreram, por exemplo, pelo fato de a capoeira ser conhecida como esporte de marginal.

Assim, consoante Lopes (2010, p. 44), a primeira universidade a institucionalizar a capoeira sob base jurídica foi a Universidade Federal da Bahia – UFBA. Ela começou dentro da formalidade acadêmica ligada ao Departamento de Educação Física em 1978 por força do Decreto nº 64.450 de novembro de 1971, que regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961 e alínea “e” do artigo 40 da Lei nº 5540 de 28 de novembro de 1968. Estes dispositivos fizeram com que a atividade capoeirista fosse praticada obrigatoriamente junto às práticas de Educação Física em todos os níveis e graus de escolaridade.

2.1 A CAPOEIRA ENQUANTO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

A dança da capoeira é reconhecida como uma manifestação cultural ao som de instrumentos tais como o berimbau, o pandeiro, o atabaque, o reco-reco, além do que a ginga no corpo, entre outros movimentos acrobáticos na roda do mundo da capoeira, a qual se espalhou por diversos territórios, dos mais diferentes, de vários povos no mundo. Na roda de capoeira, não existe só a luta ou um jogo de capoeira; na verdade, coexistem o samba de roda, o maculelê, as ladainhas e outras formas que acompanham as danças de capoeira no mundo inteiro.

Figura 1 – Manifestação Cultural da Capoeira



Fonte: Betsy, 2015.

O samba de roda tanto é dançado pelos homens como pelas mulheres, sendo muito importante para elas, nesta hora, exibirem a sua beleza ao público sob o toque dos instrumentos. Só então os capoeiristas começam a se envolver na dança e sambam com entusiasmo dentro da roda. Já as mulheres entram sambando e mostrando para os homens charme e sensualidade. Além de todo esse aparato, na hora da manifestação musical e dançante do samba, o público é convidado a participar do samba de roda.

Por outro lado, o maculelê é uma dança que caracteriza uma manifestação cultural nascida na Bahia, em sua capital Salvador, tendo logo se espalhado por todos os lugares dentro das rodas de capoeira onde se é dançado ao som do instrumento denominado atabaque o qual tem um grandioso valor para tal prática. Vale a pena lembrar, outrossim, de outro instrumento que tem o seu valor tanto dentro como fora da roda de capoeira que é o pandeiro, mesmo que sendo insignificante seu manejo e participação no samba de roda e na luta de capoeira, assim como em diversas outras atrações culturais correlatas.

A propósito, alguns acreditam que a dança do maculelê é oriunda da África, apesar de haver tantas dúvidas acerca da sua verdadeira origem, a ponto de uma boa parte da nação manter um pensamento duvidoso quanto a isso ao acreditar que a real origem pode ser atribuída ao povo indígena brasileiro.

Bem, no maculelê, na capoeira, no samba de roda, entre outras artes, sejam culturais ou não, cada uma tem sua história individual. A prática do maculelê foi adotada e preservada por mestres de capoeira os quais repassaram para seus alunos as habilidades imprescindíveis para desenvolverem cada vez mais seus conhecimentos e o aprimoramento desta arte brilhante. Geralmente tais apresentações ocorrem durante os batismos de alunos e graduados de capoeira, nas festas e eventos nos quais forem convidados para fazerem demonstrações.

Assim sendo, antes, a dança era praticada por pessoas com vestimentas feitas do sisal, a exemplo da saia, e sem o uso de camisa porque existia a pintura no corpo feita com materiais de fuligem de carvão ou de fundo de panelas. Aliás, eles tinham uma tinta vermelha que usavam na boca a qual era feita com semente de urucum.

Segundo Plínio Almeida (2014), em sua pequena história do maculelê, esta expressão existe desde 1757 em Santo Amaro da Purificação – BA. As cores branca e vermelha nos rostos, que assustavam as pessoas, poderiam ser símbolos de algumas tribos africanas como, por exemplo, os Iorubas. Mas, na verdade, fica muito difícil identificar exatamente a origem do maculelê, podendo-se citar, a termo exemplificativo, os Cabindas, os Congos, os Minas e os Cababas.

Com efeito, é sabido que as músicas cantadas no maculelê são originárias dos povos indígenas, dos escravos, dos candomblés, dos caboclos e que são implementadas para aumentar a animação e os ânimos dos dançarinos no horário dos treinamentos e apresentações em que são usados dois bastões de madeira por cada pessoa que participa da dança para que, logo em seguida, os praticantes comecem a se apresentar em dupla. Eis uma típica música cantada do maculelê:

Paranauê- Replica e Homenagem a Osvaldo Lisboa - Mestre Paraná

Composição: Mestre Genaro

Vou dizer minha mulher, Paraná

Capoeira me venceu, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Vou me embora pra favela, Paraná

Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

E desvera que o morro, Paraná

Se mudou para cidade, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Vou me embora dessa terra, Paraná

Como já disse que vou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná

Eu aqui não sou querido, Paraná
Mas na minha terra eu sou, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná
Paranauê, paranauê, Paraná

Cantando com alegria, Paraná
Mocidade es que mata, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná
Paranauê, paranauê, Paraná

O enfeite de uma mesa, Paraná
É um garfo e uma colher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná
Paranauê, paranauê, Paraná

O enfeite de uma cama, Paraná
É um homem e uma mulher, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná
Paranauê, paranauê, Paraná

Mulher pra ser bonita, Paraná
Não precisa se pintar, Paraná

Paranauê, paranauê, Paraná
Paranauê, paranauê, Paraná

Neste contexto dançante e musical, alguns dos lutadores mais experientes adotaram o uso de facões cortantes para se apresentarem tanto nos treinamentos como nos eventos ao se abrilhantarem ao público. Seguramente, um único golpe errado com o facão, utilizado por praticante desta arte, poderá até ser fatal se não levar o indivíduo a perder parte de algum

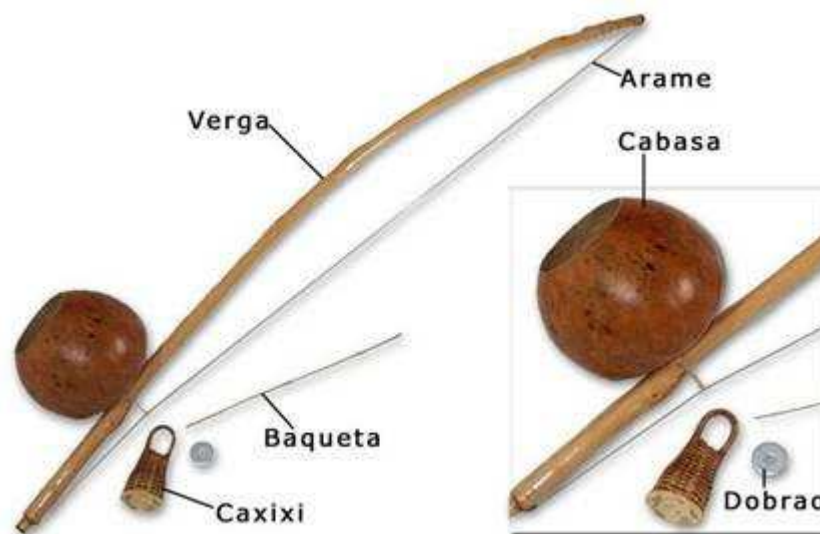
membro do corpo. Em resumo, sempre existiram diversos cânticos destinados a saudações para serem usados pelos praticantes na homenagem a alguns povos e até mesmo à Princesa Isabel no período imperial.

2.2 O USO DOS INSTRUMENTOS NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Para que a capoeira desempenhe um papel mais interessante, faz-se necessário o uso dos instrumentos próprios desta expressão artística como o berimbau gunga, o berimbau médio, o berimbau viola, o caxixi, o dobrão, a baqueta (vareta), o pandeiro, o atabaque, o agogô e o reco-reco. Todos os instrumentos citados têm o seu valor dentro e fora dos círculos da dança-luta-jogo, seja na roda de capoeira ou até mesmo em algumas bandas musicais. No caso da roda de capoeira, são esses instrumentos utilizados para dar ritmo de jogo aos praticantes da capoeira que se tornou a manifestação cultural brasileira mais popular, estando espalhada por mais de 150 países ao som do berimbau e de seus acompanhantes instrumentais. Com as músicas e ladainhas cantadas no ritmo dos instrumentos, começa a brincadeira de vadiagem, que chama a atenção da população.

Numa roda de capoeira não podem deixar de existir alguns fatores importantes, notadamente a música e o berimbau, para aumentar ainda mais o valor da nossa cultura popular. A propósito, o berimbau é o principal instrumento de trabalho dentro da capoeira que proporciona uma alegria prazerosa tanto aos capoeiristas como ao público em geral que, ao passar em uma roda de capoeira, se encanta com seu toque e com o ritmo de jogo ou luta dos capoeiristas ao pararem para prestigiar a cultura brasileira que ganhou o título de patrimônio cultural imaterial no ano de 2008.

Figura 2 – Berimbau



Fonte: Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte, 2014.

No mundo da capoeiragem, o berimbau é fabricado pelos próprios capoeiristas que se utilizam da matéria-prima retirada da Mata Atlântica. Tal produção é feita com a madeira conhecida como biriba, com a cabaça, o arame extraído do pneu, o couro e o cordão, sendo todo o material extraído da própria natureza.

A biriba é a árvore mais comum na fabricação do berimbau. É encontrada em diversas regiões da Mata Atlântica no Brasil. Devido a sua retirada constantemente, foi criado um projeto de remanejamento florestal para que não viesse a ser extinta da natureza, tendo sido tal projeto criado na Bahia.

Formado por vários componentes como a biriba, a cabaça, o dobrão, o arame (virola) etc., o berimbau é um instrumento musical de fácil produção. Existe até exportação e comercialização dessas matérias-primas para outros países através de alguns capoeiristas, dos turistas e dos comerciantes que buscam pela nossa biriba à semelhança do que ocorria no período colonial em que os portugueses vinham para o Brasil e levavam a nossa maior riqueza que era a madeira do Pau-Brasil.

O atabaque é utilizado nas rodas de samba, candomblé e também é bastante usado na capoeira. Consistiu no instrumento mais adotado pelos mestres de capoeira para dar um toque a mais e diferente nas rodas de capoeiras e no maculelê. Acompanhado do berimbau e do pandeiro para a formação instrumental das rodas de capoeiras, o atabaque é oriundo de países africanos, mais precisamente da Angola, possuindo sua divulgação ao longo de vários países através das artes culturais. Seu formato é de um cone bem comprido em relação ao diâmetro,

com cerca de vinte a vinte e cinco centímetros na parte superior e de dez a quinze centímetros na extremidade oposta, sendo apoiada no chão e na forma de um n`goma e sua variação de medidas é encontrada nos atabaques rum, rumpi e lé.

O atabaque adotado nas rodas de capoeiras é chamado de rum. Por ser maior, ele emite um som de melhor qualidade e que é adequado aos outros instrumentos musicais. Entre os instrumentos citados, para que as rodas de capoeira sejam mais atrativas, não se pode deixar de mencionar o pandeiro que é utilizado não só pelos capoeiristas, mas também por diversos outros gêneros musicais como, por exemplo, o samba, o axé, o candomblé, dentre outros gêneros da cultura brasileira.

Figura 3 - Atabaque



Fonte: Capoeira Alto Astral Marco Antonio, 2009.

O pandeiro é de origem africana, entretanto existem relatos de que ele chegou ao Brasil através dos povos portugueses no período colonial. Sua produção é feita de madeira e couro de animais caprinos. O pandeiro bem fabricado, com uma matéria prima de qualidade, tem um som bastante equilibrado entre os timbres grave e agudo a ponto de numa determinada distância ser escutado pelas pessoas ainda com boa qualidade sonora.

Figura 4 - Pandeiro



Fonte: Sala do Músico, 2015.

Ademais, existem vários instrumentos para serem tocados na roda de capoeira, como o Agogô e o Reco-reco. Este é um instrumento feito por um tipo de bambu especial ou da própria cabaça que usamos para compor a região da saída do som do berimbau. Quando a natureza proporciona a formação da cabaça ao comprido, tem-se o modelo ideal para se fazer o reco-reco, que é um dos mais simples instrumentos a ser tocado na roda de capoeira. Da mesma forma que se toca o reco-reco com uma baqueta deslizando para um lado e para o outro, o agogô não é diferente, pois a maneira deste ser tocado envolve o deslize da baqueta de madeira para que o som expelido não seja forte devido a sua fabricação que é diferenciada e a qual emprega o ferro.

Figura 5 – Reco-Reco



Fonte: Todos Os Instrumentos Musicais, 2017.

Figura 6 - Agogô



Fonte: Todos Os Instrumentos Musicais, 2017.

Acontece que o agogô possui normalmente duas campânulas de ferro, embora também existam diversos tipos de agogô os quais têm três, quatro ou até mais campânulas que são utilizados entre outras culturas para além da capoeira. De todo modo, no universo da capoeira, o mais tocado dos agogôs corresponde ao que tem duas campânulas.

2.3 O TOMBAMENTO DA CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BRASIL

A capoeira, já considerada um dos maiores bens da cultura brasileira, solenemente recebeu o título do seu tombamento como patrimônio cultural imaterial no dia 15 de julho de 2008; fato histórico que ficou marcado para sempre na memória de todo e qualquer capoeirista e principalmente na memória dos mestres que lutaram para que esse sonho pudesse ser realizado. Interessante quanto a esse memorável episódio é que, enquanto havia uma votação no Palácio Rio Branco, que resta localizado no centro da capital baiana, muitos capoeiristas haviam aí se reunido para formar várias rodas de capoeira.

Tal votação, a propósito, foi marcada pela presença de alguns membros do governo, tendo ainda sido registrada a presença do então ministro interino da cultura brasileira, Juca Ferreira, do governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, do presidente do IPHAN, Luiz Fernando de Almeida, do presidente da fundação Cultural Palmares, Zulu Araújo, entre outras autoridades competentes.

Segundo o relato de Carol Lobo (2008), o presidente Lula afirmou tratar-se de uma data muito especial para o país e que a capoeira é motivo de

orgulho nacional, praticada em mais de 150 países de todos os continentes. Foi preciso muitos anos para que reconhecêssemos o seu valor cultural. Getúlio Vargas foi quem deu o primeiro passo ao receber pessoalmente o Mestre Bimba, criador da capoeira como arte marcial. De lá pra cá o estado se dividiu entre a perseguição e a indiferença à capoeira, chegando até à dizer que poderia ensinar essa arte, mas tudo isso é passado. Estamos finalmente fazendo justiça. (LOBO, 2008, Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/2744>>.) .

Foi um evento, em suma, de grande porte para os mestres de capoeira, como também significativo para a valorização de nossa cultura. Por bem, é através de incentivos oficiais como esse que as desigualdades raciais tendem a melhorar no seio da sociedade, não só brasileira, mas também nas do mundo inteiro, vez que a cor negra ainda é muito discriminada. Ainda hoje, por incrível que possa parecer, quando se fala em capoeira, parte da sociedade fica com um pé atrás, pois acham que é um esporte de marginais, imaginando e até defendendo que não deveria existir tal esporte em âmbito social.

Finalmente, após a reunião realizada no Palácio Rio Branco, na capital da Bahia, os capoeiristas de diversos lugares do Brasil, ao se reunirem e formarem uma grande roda de capoeira, comemoraram a conquista, obtida com muito esforço, de terem conseguido o título de Patrimônio Cultural Imaterial. Na capoeira, não poderia ser diferente lembrar que existe a memória de sua prática nos círculos da humanidade, desde o século XV, quando foi desenvolvida dentro das senzalas pelos escravos, como uma forma de se proteger da escravidão e de suas nefastas consequências. Prova disso, afinal, de que existia uma massa documental sobre a escravidão que comprovava tal fato ainda poderia existir se não fosse a atitude histórica de Rui Barbosa de ter ordenado que fosse destruída e queimada toda documentação acerca da escravatura como forma de apagar uma memória de sofrimento que existia no Brasil. Esta foi uma ação que mesmo protagonizada com boa fé repercutiu negativamente hoje em dia em termos arquivísticos de maneira tal que, se toda a documentação não tivesse sido queimada naquele tempo, seria hoje muito importante tanto para fins de provas como para pesquisas acadêmicas a circunscreverem a Arquivologia enquanto ciência diante de um *modus operandi* que poderia modificar a história e o pensar da sociedade.

Cite-se que o IPHAN e o Ministério da Cultura são os responsáveis pelo pedido de registro da capoeira como patrimônio imaterial que se deu através de pesquisas realizadas entre os anos de 2006 e 2007. Tal levantamento obteve como lucro fundamental a produção dos saberes sobre a capoeira e seu povo que a praticava durante muito tempo no passado, o que constituiu meios que capacitaram a formalização de toda a documentação sobre tal bem imaterial.

Nesse diapasão, a criação de um plano de preservação do patrimônio imaterial, ou melhor, do seu registro, surgiu para dar apoio a todos os mestres de capoeira mais velhos, para que pudessem ter direito ao plano de previdência especial, em virtude de esses mestres de capoeira terem sido os que tiveram uma vida de dedicação e saberes a fim de que a nossa cultura fosse praticada e desenvolvida em mais de 150 países.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados pontos de como se deu o procedimento metodológico da perquirição de maneira que a pesquisa de campo foi empregada com o intuito de construir um conjunto de informações sobre o objeto de estudo. É importante ainda salientar que, segundo Gil (2002), a pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar soluções aos problemas propostos.

Nesse sentido, o presente trabalho fundamentalmente teve como princípio, no que respeita à natureza da inquirição, a pesquisa descritiva e qualitativa com respaldo na investigação exploratória a partir do que postula Gil (2008). Nessa linha, de acordo com Duarte (2016), a pesquisa exploratória, naturalmente detentora de um viés qualitativo, permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema, visto que este ainda é pouco conhecido. Ainda de acordo com Gil (2002), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população. Assim, construiu-se a perquirição enfatizando-se a abordagem de análise descritiva dos dados coletados por meio do que foi possível conhecer melhor o objeto de estudo, além do que, pelo viés qualitativo, foi factível interpretar os dados colhidos mediante os acontecimentos que eram relatados durante o processo da pesquisa.

De igual modo, com base em Gil (2008), quanto aos procedimentos técnicos empregados, esta inquirição integra um estudo de campo em torno do qual ocorreu coleta de dados campal sobre a capoeira enquanto patrimônio imaterial, uma vez que perquirição deste tipo ainda não havia sido explorada nos cursos de Bacharelado em Arquivologia e mais especificamente no âmbito do curso da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Em suma, característica básica de uma pesquisa desta natureza compreende utilizar-se do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, tomando-se o pesquisador como instrumento fundamental para tamanha captação de informações.

Além do mais, procedeu-se, de forma coadjuvante, com um levantamento bibliográfico, por meio de fontes bibliográficas tais como livros e periódicos, para complementar a análise dos dados oriundos da implementação da entrevista e do questionário. Finalmente, com vistas a enriquecer o escrutínio dos dados, fotografias foram tiradas para alicerçar a memória da capoeira tal como movimento cultural e de expressão artística de maneira a permitir a sua divulgação e consolidação por intermédio de registros fotográficos e da documentação do seu tombamento, que está sob a responsabilidade de salvaguarda do IPHAN-PB, na linha do ventilado por Poulot (2009, p. 53) e por Heine e Silva (2008).

Em face disso, pontue-se que este trabalho foi elaborado por meio de pesquisa e busca de informações junto às quais foram coletados dados sobre os primeiros passos da capoeira no estado da Paraíba, mais precisamente em João Pessoa – PB. Na década de 1970, o mestre de capoeira Zumbi Bahia recebeu um convite do coordenador do grupo folclórico, Tenente Lucena, para vir à Paraíba e divulgar seu trabalho no solo paraibano. Após a sua chegada à Paraíba, a capoeira começou a ser reconhecida dentro do estado como arte cultural.

Assim, compuseram o material de pesquisa tanto uma entrevista quanto um questionário que foram executados juntamente com dois mestres de capoeira os quais são importantes para o desenvolvimento da cultura popular brasileira e da capoeira na Paraíba, a exemplo de Marco Antônio Belarmino, o Mestre Zunga, que foi entrevistado em 24 de julho de 2017 na sede de sua escola de treinamento, denominada Escola de Capoeira Afro Nagô a qual fica localizada no bairro de Valentina Figueiredo em João Pessoa – PB. Por ser o Mestre Zunga o guardião de uma vasta informação sobre a chegada da capoeira no Estado da Paraíba, sendo ele um dos mestres mais antigos que se dedicou a vida inteira ao universo da capoeira, resta aqui esclarecido o motivo de se decidir entrevistá-lo sobre a memória da capoeira na Paraíba.

Já na Associação de Capoeira Angola Palmares que fica localizada no bairro do Roger em João Pessoa – PB, foi implementada a execução do questionário ao seu representante, Dário Pereira João, mais conhecido como o Mestre Dário.

A entrevista foi, pois, encaminhada de corpo presente com o entrevistado ao passo que o questionário foi aplicado por meio da solução de perguntas e respostas a ser fornecida pelo Mestre Dário que relatou que teria um projeto dentro do bairro ao ocupar alguns espaços físicos para divulgar a capoeira como cultura, gerando conhecimento para uma população que busca o conhecimento cultural através do aprendizado da capoeira.

A escolha dos mestres foi por opção, pois são grandes capoeiristas que trabalham com projetos sociais dentro das comunidades, educando os jovens através da prática da capoeira como esporte e como cultura popular para que tenham um futuro melhor e digno. O Mestre Zunga e o Mestre Dário são grandes conhecedores e guardiões da memória da capoeira tanto registrada quanto fotografada, uma vez que detêm uma imensa coleção fotográfica da capoeira como cultura na Paraíba. Nesse sentido, ambos integraram a população sobre a qual os dados foram coletados a partir da consecução da entrevista e do questionário. Assim, para que a pesquisa fosse realizada, foi necessária, portanto, a colaboração do público-alvo que deteve suma importância para sua realização, haja vista que

eles são detentores de uma vasta informação sobre a memória registrada e fotográfica da capoeira enquanto cultura na Paraíba.

Devido à natureza da abordagem exploratória e descritiva, a amostra foi composta pelos relatos gravados que foram obtidos com a entrevista cedida pelo Mestre Zunga, como também pelas respostas angariadas a partir do questionário que foi apresentado e consecutivamente respondido pelo Mestre Dário. A amostra dessas informações permitiu que ambos os mestres colaborassem com a disseminação de seu conhecimento no sentido de contribuírem com a reconstrução da memória e com a preservação da história da capoeira no estado, repassando, de forma precisa, as informações que adquiriram ao longo de suas trajetórias dentro da cultura.

Os instrumentos utilizados para coletar os dados corresponderam ao questionário impresso para ser respondido manualmente com lápis e à entrevista gravada através de gravador de telefone celular.

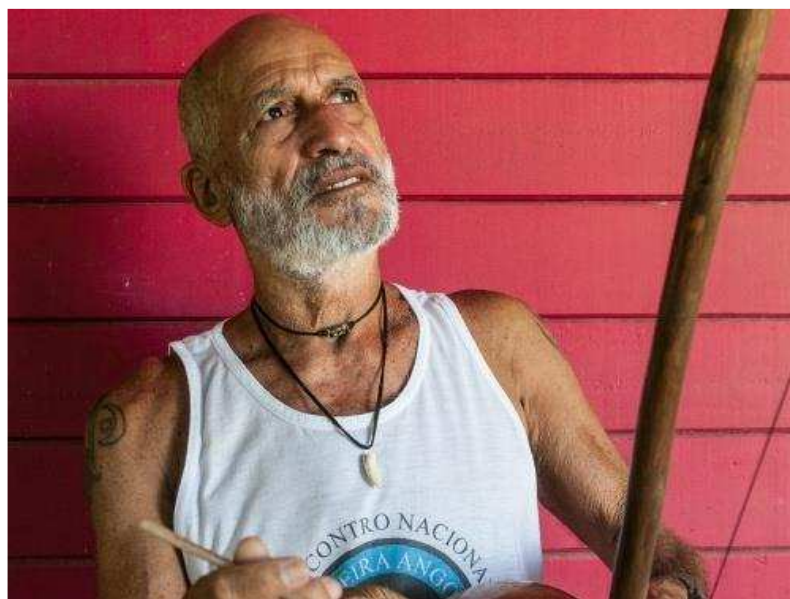
O procedimento adotado seja na entrevista seja no questionário correspondeu a marcar audiência com os mestres de capoeira para que eles fossem entrevistados e respondessem ao questionário. Dessa forma, os entrevistados responderam alguns questionamentos a exemplo de: “Quem trouxe a capoeira para a Paraíba e em qual ano?”; “Qual a visão sobre a capoeira após o título de patrimônio cultural imaterial?”; “Quais os benefícios que a capoeira acrescenta para a formação dos jovens perante a sociedade?”

4 HISTÓRIA DOS MESTRES DE CAPOEIRA DA PARAÍBA.

Os mestres da capoeira da Paraíba são considerados os guardiões das tradições da capoeira. É preciso notar que, em outros estados brasileiros, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro, encontram-se velhos mestres do saber nas artes marciais. Pode-se destacar vários mestres que contribuem através das experiências nas rodas de capoeira e na vida, tornando-se referências para novas gerações, tais como: mestre Sabiá, mestre Zunga, mestre Naldinho, mestre Martinho, mestre Dário, mestre Raposão, mestre Paulista, entre outros.

Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira) veio da Bahia para formar grupos de capoeira em nossa cidade de João Pessoa. Ao decorrer da sua trajetória, criou a Associação Cultural de Capoeira Angola Palmares e deixou seu legado na década de 90 na Paraíba, tendo conseguido uma grande união entre alguns grupos no estado, a exemplo dos grupos Badauê de Palmares, Lua de Palmares e Senzala de Palmares os quais passaram a compor a Capoeira Angola Palmares.

Figura 7 – Mestre Nô



Fonte: Rosane Lima, 2016.

Deste modo, a filosofia da capoeira tem como objetivo desenvolver seu trabalho em vários níveis, seja buscando a elevação do nível das técnicas seja a partir do ensino e aprendizagem da capoeira de maneira que se utilize a capoeira como valor e enquanto recurso pedagógico, artístico e cultural, dentre outras coisas, além do que para permitir a profissionalização e a reconstrução do mestre de capoeira como produtor e transmissor de

cultura e vivências. Assim, acredita-se estar a contribuir para a formação de valores humanos e éticos baseados no respeito, na socialização e na liberdade de expressão através do ensinamento dos princípios inerentes à filosofia marcial da própria capoeira a qual carrega e incorpora em si valores morais importantes para a conduta do ser humano em sua relação social, religiosa e intimista consigo mesmo.

4.1 UM DIÁLOGO ENTRE O TEMPO HISTÓRICO PASSADO E O TEMPO PRESENTE DOS MESTRES DA CAPOEIRA.

O patrimônio imaterial brasileiro é composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Logo, é nesta perspectiva que buscamos através do mestre de capoeira Marco Antonio Belarmino, homem de refino trato com a arte da capoeira, as origens da capoeira no estado e o diálogo entre o tempo presente e o passado. Sua formação nas artes marciais iniciou-se no caratê e, por intermédio dos amigos Marconildo e Rogério, teve suas primeiras aulas de capoeira que o fizeram largar por definitivo o caratê, passando então a dedicar-se diretamente aos treinamentos da capoeira, tornando-se, assim, muito tempo depois um mestre batizado como “Mestre Zunga”.

Figura 8 – Mestre Zunga



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Figura 9 – Roda Afro Nagô



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

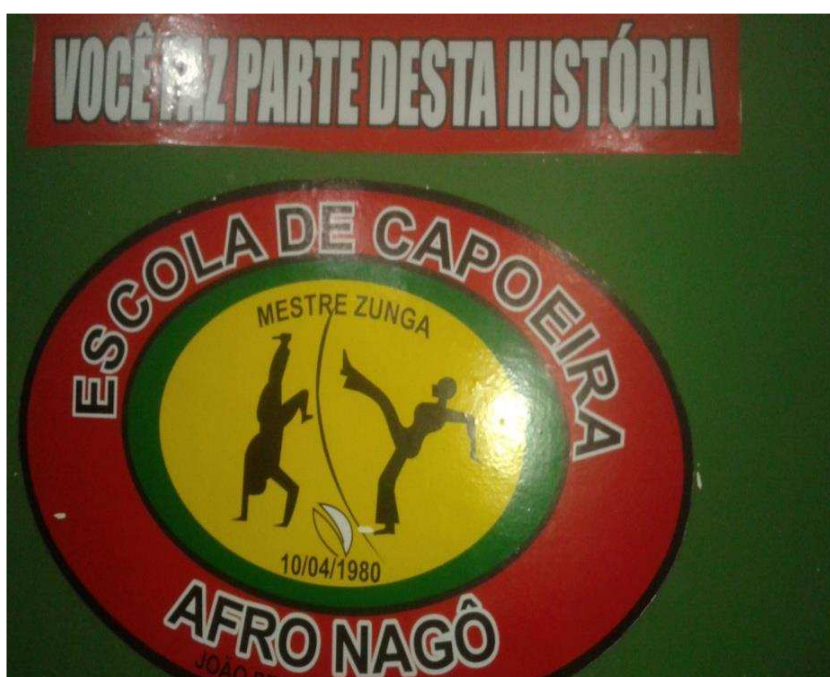
Esse patrimônio, para Poulot (2009, p. 53), “evoca um conjunto de valores que à semelhança da memória, dependem de um enraizamento mais ou menos profundo na dimensão sensível das identidades pessoais e sociais”. Através do patrimônio cultural, podemos conscientizar a população por via do repasse de conhecimentos sobre os patrimônios

tombados no Brasil, fazendo com que os olhares da nação valorizem a cultura negra e preserve sua memória.

Para mestre Zunga, a capoeira enquanto manifestação artística, esporte, dança, jogo e arte marcial tem como objetivo principal a inclusão social e a educação, respeitando-se a importância de suas origens na cidade de João Pessoa. Aliás, é importante ressaltar o relacionamento com os seus alunos no dia a dia e também com outros mestres, professores e capoeiristas de todos os estados e residentes no exterior o qual é baseado na cordialidade, gentileza e urbanidade, sendo ele muito querido mundo afora.

Ao longo da sua trajetória, mestre Zunga fundou o Centro Cultural denominado “Escola Afro Nagô”, localizado no Centro da Juventude no bairro de Valentina Figueiredo, na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

Figura 10 – Brasão da Escola Afro Nagô



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

É uma escola independente que vive tanto para dar apoio quanto para trabalhar o foco no social da capoeira, estando alocada em um espaço público pertencente à Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) a qual cedeu o lugar para a consecução dos projetos tal como declara o próprio mestre Zunga (2017): “Um projeto social destinado a todos, independente da idade ou sexo, sendo o treino repassado quer para homens e meninos quer para meninas e mulheres e até mesmo para deficientes físicos”.

Na condição de pesquisador, pude atestar, no momento da entrevista, a presença das mais diversas categorias de pessoas durante o treinamento, tenham sido elas homens, mulheres, crianças, idosos ou pessoas portadoras de necessidades especiais. Em face disso, inicialmente, para dar abertura oficial à entrevista, mestre Zunga expôs ser a Escola Afro Nagô uma escola independente que vive tanto para dar apoio quanto para trabalhar o lado social da comunidade de Valentina Figueiredo.

Figura 11 – Roda de Inclusão Social da Pessoa com Deficiência



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Figura 12 - Roda de Inclusão Social da Pessoa com Deficiência 2



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Percebe-se que o mestre Zunga não é apenas um mestre de capoeira, mas também um grande orientador para formação dos alunos tanto no tocante à própria capoeira enquanto manifestação artística, desportiva e cultural quanto no concernente à vida social que os jovens devem seguir em meio à sociedade de sorte que ele aconselha, educa e, além do mais, se preocupa com o bem-estar da família de seu alunado.

Ainda segundo o apontado, por exemplo, na entrevista com mestre Zunga, ele iniciou suas ações e atividades dentro do universo da capoeira por intermédio de seu mestre Marconildo e por meio do mestre Rogério os quais tiveram contato diretamente com o mestre Zumbi Bahia, o mestre dos mestres. Portanto, fica evidente que estes dois mestres proporcionaram ao mestre Zunga um dia de glória ao permitirem que ele pudesse conhecer pessoalmente o mestre Zumbi Bahia o qual foi o responsável pela chegada da capoeira na Paraíba na década de 70, mais precisamente no ano de 1979.

Figura 13 – Mestre Zumbi Bahia



Fonte: YouTube – Conheça o Trabalho do Mestre Zumbi Bahia, 2016.

Figura 14 – Encontro de Capoeiristas Proeminentes



Fonte: Capoeira Angola Berimbau Viola, 2012.

Assim sendo, o mestre Zunga, detentor de uma prioridade ímpar, inaugura a nova Escola de Capoeira Afro Nagô, expandindo-se quer para os municípios litorâneos como Cabedelo quer até as cidades do sertão, tendo passado, como exemplo de vida em pessoa, sua história e seu legado em cada uma dessas novas cidades desde os seus primeiros passos dentro da capoeira.

Mesmo em uma época desfavorável onde existia uma enorme perseguição àqueles que andavam praticando a capoeira, ela foi paulatinamente ganhando seu espaço na sociedade apesar das ferozes críticas recebidas da parte de alguns membros e de parcela significativa de representantes do alto escalão político e socioeconômico que a discriminavam, rememora o grande mestre.

Segundo Heine e Silva (2008), a capoeira era praticada em locais e contextos tais como senzalas, quilombos, matas, ruas e terreiros de candomblé. Sua origem se dá pela resistência negra, dado que os negros viviam explorados pelos senhores aristocratas, donos dos engenhos, que dependiam da mão de obra escrava para aumentarem seu poder aquisitivo, bem como seus lucros, poder e influência econômico-social.

Por sua vez, felizmente, nos dias atuais, a capoeira é vista como um esporte que faz bem para o corpo e para o desenvolvimento da sociedade, não havendo mais tanta discriminação e preconceito como havia no século XIX e até meados do século XX, muito embora, não se possa negar, ainda persista certa resistência e visíveis e/ou declaradas manifestações preconceituosas contrárias à capoeira por parte de certos estratos sociais,

mesmo que em número reduzido para a alegria de todos ou pelo menos da imensa maioria da população brasileira e dos povos estrangeiros, os quais, em grande medida, celebram afetiva e amorosamente a capoeira, imbuídos de intenso orgulho ao prestigiá-la, reconhecê-la e respeitá-la como vívido e rico movimento sociocultural, destaca, pois, mestre Zunga.

4.2 A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA NO ESTADO DA PARAÍBA

O trabalho aqui desenvolvido foi realizado por meio de uma pesquisa sobre a primeira associação de capoeira no Estado Paraibano, a Associação Cultural de Capoeira Badauê, a qual fica localizada na cidade de Campina Grande – PB, no Centro Cultural Lurdes Ramalho, que então tinha como coordenador Marcos Antônio Batista, o Sabiá. Uma vez que ele já fazia parte da cultura paraibana, tal centro cultural não poderia estar sob comando melhor.

Um marco importante para a cultura foi o grande evento de batismo de capoeira com troca de graduação realizada no estado da Paraíba em 1988, divulgado pela mídia falada e impressa da Rainha da Borborema, a cidade de Campina Grande – PB, onde o formado Sabiá foi condecorado com o cordel de contramestre pelo o mestre Nô na academia Corpo Livre. No ano de 2002, o mestre Sabiá que fazia parte do grupo de Capoeira Angola Palmares toma uma decisão e comunica o seu desligamento do grupo de capoeira.

Figura 15 – Mestre Sabiá



Fonte: Associação Cultural de Capoeira Badauê, 2015.

Sendo assim, ele começa a buscar novos horizontes para aprimorar seus conhecimentos e enriquecer a sua trajetória de vida dentro da capoeira a fim de repassá-los para a Paraíba. Mesmo após o seu desligamento do Grupo Angola Palmares, que tem como representante o mestre Nô, o seu relacionamento continuou da mesma forma como era antes do seu afastamento de sorte que o grupo do mestre Nô nunca deixou de receber o mestre Sabiá com o mesmo carinho de antes em seus eventos realizados no estado paraibano.

Com o seu trabalho à frente da cultura, o Mestre Sabiá que ficou reconhecido no mundo inteiro tomou para si toda a responsabilidade de desenvolver e dar continuidade ao trabalho do grupo Badauê com sua sede na cidade de Campina Grande, tendo em vista que a capoeira, como faz parte da cultura brasileira e hoje é divulgada em mais de 150 países, tornou-se referência em razão de seu ponto forte ter sido realizar um trabalho de preservação e conservação das origens e dos fundamentos da Capoeira Angola no estado e mais precisamente em seu grupo de capoeira.

Podemos citar como capoeirista paraibano e que tem muito a contribuir com a manifestação cultural o mestre Dário (Dário Pereira João), lembrando que quem mantém vivo um patrimônio cultural imaterial são as pessoas, sendo os responsáveis, no caso da capoeira como patrimônio, os mestres e seu alunado que carregam o saber da capoeira para a vida toda

e a cada dia que estão a formar mais capoeiristas através da Associação Capoeira Angola Palmares, que fica localizada no bairro do Roger.

Figura 16 – Logomarca da Escola Capoeira Angola Palmares



Fonte: Facebook – Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB, 2015.

Pessoalmente, o mestre Dário diz que, quem faz a diferença é o mediador, é o mestre. A capoeira é o instrumento, que sempre estará à disposição do mestre, de forma positiva ou negativa, pois ele, o mestre, se torna referência para os novos capoeiristas, sejam crianças, jovens, adolescentes e até mesmo adultos. Uma referência que ultrapasse os limites da roda, uma referência para a vida. Como diz o mestre Nô: “capoeira na roda, capoeira na vida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou infundir a difusão das informações sobre a capoeira enquanto arte cultural de um povo que vivia nas senzalas sendo escravizado por senhores coronéis em um período colonial durante o qual os escravos cultivavam o candomblé e a capoeira como uma forma de distração nas senzalas e ao longo do qual usavam a dança da capoeira para disfarce quando os feitores se aproximavam para que não fossem descobertos de modo que a capoeira, na verdade, corresponderia a uma forma de se defenderem dos capitães do mato no momento de suas fugas para os quilombos.

A pesquisa abordada relatou, pois, a trajetória da capoeira dentro do estado da Paraíba, descrevendo então como e quem foi seu protagonista, como também o seu acervo fotográfico produzido através das associações criadas por alguns mestres de capoeira na Paraíba, afora o que suas manifestações culturais ao som dos instrumentos.

Demonstrou-se que, ao ser cultivada na Paraíba como cultura popular, a capoeira passou a ter seu devido valor e a ter uma grande influência na formação da sociedade paraibana, assim como se mostrou que a capoeira é uma arte cultural que a cada dia vem sendo herdada de geração em geração. Com efeito, a partir das entrevistas conduzidas com Mestre Zunga e Mestre Dário, foi possível traçar a história de como se originou e se desenvolveu a capoeira dentro do estado, ressaltando-se a importância de sua introdução na Paraíba à luz do pensamento dos próprios mestres e segundo a ótica de vida deles.

Portanto, para que a história de um povo sofrido não se apague do mapa da cultura popular brasileira, esta pesquisa retratou quão necessário é que haja um plano de salvaguarda de toda documentação encontrada a fim de conservá-la no arquivo cultural, apropriado para conservar e preservar toda documentação, como uma forma de garantir que essas informações passarão de geração em geração por todo tempo.

Evidenciou-se, assim, que o IPHAN é o órgão responsável pela criação de plano de salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural imaterial, mas que precisa de que os grupos de capoeira e seus mestres, os quais são os representantes legítimos da cultura, registrem os momentos de manifestação artística e reúnam as documentações sobre a capoeira como um bem da cultura brasileira que está espalhada em mais de 150 países, com vistas a que possam ser arquivadas no local correto, onde se terá um fácil acesso para serem pesquisadas pelo público e até mesmo por pesquisadores acadêmicos que tenham interesse em adquirir e repassar informações sobre a capoeira tanto em sua faceta de manifestação cultural ou de dança quanto em seu perfil de arte marcial – jogo, luta, dança, esporte e lazer.

Uma pesquisa realizada mostra que ainda não existe um acervo fotográfico e registro documental da capoeira criado por todas as associações em um só local onde fosse aberto ao público. Para que isso pudesse acontecer todas as associações de capoeira na Paraíba deveriam se unir para focar na criação do acervo fotográfico cultural paraibano da capoeira, uma vez que, com tal criação, todo acervo tanto fotográfico quanto documental estaria acondicionado em um local adequado para fins de provas, como também para pesquisas acadêmicas. Sendo assim, as associações ganhariam mais espaços perante a sociedade para divulgarem seus trabalhos e até mesmo força para lutarem pelos seus direitos, como o direito dos mestres antigos que o Governo Federal criou quando estipulou uma previdência especial para esses mestres que são formados não por nenhuma IES, mas por dedicarem suas vidas e saberes no mundo da capoeiragem. Em tal plano previdenciário, por exemplo, para que os mestres de capoeira antigos possam vir a adquirir uma aposentadoria, terão que provar que dedicaram sua vida inteira para tal prática e caso não exista nenhum documento que comprove isso, torna-se muito mais difícil que tal direito seja assegurado.

Com uma organização na criação do acervo fotográfico e documental, os capoeiras ganharão mais força para contribuir para o plano de salvaguarda do acervo documental e fotográfico para fins de provas verídicas, considerando-se que, desde o ano de 2008, após o tombamento da capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial, o IPHAN passou a ser o responsável pelo plano de salvaguarda de toda documentação seja fotográfica ou registrada. Mesmo assim, é em âmbito nacional.

Ao adotar a proposta do acervo expográfico por parte das associações, toda documentação e seu conjunto de fotografias deverá passar por uma organização, seleção e classificação de todo o acervo fotográfico antes de ser arquivada no arquivo permanente sobre os cuidados do Arquivista que foi capacitado para armazenar, preservar e conservar toda a memória de qualquer instituição, seja de caráter público ou privado, de tal maneira que seja útil para fins acadêmicos ou até mesmo para o público que busca pelas informações sobre a história da capoeira na Paraíba.

REFERÊNCIAS

- ATABAQUE. Capoeira Alto Astral Marco Antonio, 2009.
Disponível em: <<https://capoeiraaltoastral.wordpress.com/sobre-capoeira/o-atabaque/>>.
Acesso em: 15 dez. 2015.
- AGOGÔ É UM OBJETO SAGRADO DO CANDOMBLÉ. Todos os Instrumentos Musicais, 2017. Disponível em: <<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-agogo.html>>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA BADAUÊ. **História do Mestre Sabiá**. Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.capoeirabadaue.org/historia/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- _____. **Início**. Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.capoeirabadaue.org/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- _____. **Madame Satã**. João Pessoa, 2010.
Disponível em: <<http://capoeiraterrafirme.blogspot.com.br/2010/10/madame-sata.html>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- _____. **Salve Mestre Bimba**. João Pessoa, 2011.
Disponível em: <<http://capoeiraterrafirme.blogspot.com.br/2011/09/salve-mestre-bimba.html>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- _____. **Maculelê origem e história da dança**. São Paulo, 2011.
Disponível em: <<https://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- _____. **Maculelê**. Belo Horizonte, 2014.
Disponível em: <<http://www.cppa.com.br/maculele/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- BETSY, Giseli. **A Arte e Poesia Versada da Capoeira**. Obvious. De dentro da cartola. Entre um sacudir e outro: a palavra, 2015.
Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/de_dentro_da_cartola/2015/01/a-poesia-e-arte-versada-da-capoeira.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CAPOEIRA ANGOLA PALMARES – ROGER JP/PB. Foto de Perfil do Facebook.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/capoeirapalmaresroger/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CONHEÇA O INSTRUMENTO MUSICAL PANDEIRO. Sala do Músico, 2015.
Disponível em: <<https://saladomusico.com.br/blog/conheca-o-instrumento-musical-pandeiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CONHEÇA O TRABALHO DO MESTRE ZUMBI BAHIA. Vídeo do YouTube.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vIDY9rNbYgY>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DUARTE, Marcos. **Uma visão sobre formas de pesquisa.**

Disponível em: <<http://lob.incubadora.fapesp.br/portal/t/metodologia/pesquisa.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

ESTUDO SOBRE TOQUES DE BERIMBAU. Abadá-Capoeira Fronteira. Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte – Capoeira. 2014.

Disponível em: <<http://abadafronteira.blogspot.com.br/2014/11/estudo-sobre-toques-de-berimbau.html>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008b.

HEINE, Vinicius e SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania.** São Paulo: Phorte, 2008.

IPHAN. **Capoeira e Política de fomento.**

Disponível em: <<http://Portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2239>>

Acesso em: 10 jul. 2012.

JORNAL DO CAPOEIRA. [S.l.]: JEX.com.br, n. 53, dez. 2005.

Disponível em: <http://www.capoeira.jex.com.br/pesq_jex?consulta=n%FAmero+53&pesquisar.x=0&pesquisar.y=0>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. [S.l.]: JEX.com.br, n. 71, abr./maio 2006.

Disponível em: <http://www.capoeira.jex.com.br/pesq_jex?consulta=n+71&pesquisar.x=0&pesquisar.y=0>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LIMA, Rosane. Mestre Nô, que recebeu título na UFSC esta semana, é um dos responsáveis pelo crescimento da capoeira na capital. In: **Capoeira, jogo que já foi carregado de preconceito, está enraizado na cultura de Florianópolis.** Florianópolis: Notícias do Dia, 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/ufsc-e-a-primeira-universidade-brasileira-a-conceder-uma-honraria-a-um-mestre-de-capoeira>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

LOBO, Carol. **Capoeira vira patrimônio cultural brasileiro:** manifestação cultural está inscrita nos Livros dos Saberes e das Formas de Expressão. Fundação Cultural Palmares, 2008. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/2744>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

LOPES, Álisson Rafael de Sousa. **A História da Capoeira no Brasil: da marginalização a condição de patrimônio cultural.** 2010. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito). Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, Brasília, 2010.

MESTRE SABIÁ. Associação Cultural de Capoeira Badauê, 2015.

Disponível em: <<http://www.capoeirabadaue.org/historia/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

POULOT, Dominique. **Uma história do Patrimônio no Ocidente.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 53.

PRIMEIROS CAPOEIRISTAS DA PARAÍBA SE JUNTAM AO SEU VELHO MESTRE ZUMBI BAHIA. Capoeira Angola Berimbau Viola, 2012.

Disponível em: <<http://angolaberimbauviola.blogspot.com.br/2012/01/primeiros-capoeiristas-da-paraiba-se.html>>. Acesso em 15 dez. 2017.

RECO-RECO TEM SUA HISTÓRIA NO CARIBE. Todos Instrumentos Musicais, 2017.

Disponível em: <<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/imagens-do-instrumento-reco-reco.html>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 13 ed. São Paulo: Scipione, 2008.

ZUNGA, Mestre. **Capoeira Afro Nagô #1**. Jornal do CAPOEIRA, [S.l.], n. 71, abr./maio 2006. Caderno Crônicas. Entrevista concedida a Benedito dos Santos (Benê) em João Pessoa-PB em 29 abr. 2006.

Disponível em: <<http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/capoeira+afro+nago+1>>.

Acesso em: 11 ago. 2017.

**APÊNDICE A – FOTOS RETIRADAS NO TRASCORRER DA PESQUISA
CONCERNENTES ÀS ATIVIDADES DE MANIFESTAÇÃO DA CAPOEIRA
DESENVOLVIDAS NA PARAÍBA**

Figura A – Dois Capoeiristas Lutando na Escola Afro Nagô



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Figura B – Mestre Zunga Tocando Berimbau



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Figura C – Roda de Capoeira



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Figura D – Concentração na Roda de Capoeira



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SUBMETIDO AO MESTRE DÁRIO

QUESTIONÁRIO

- 1- Qual a sua trajetória de vida dentro do universo da capoeira?
- 2- Quem foi o protagonista da capoeira no estado da Paraíba e em qual década?
- 3- Qual a sua visão sobre a capoeira após receber o título através do seu tombamento como Patrimônio Cultural Imaterial?
- 4- Quais os benefícios que a prática da capoeira acrescenta para a formação dos jovens perante a sociedade?
- 5- A prática da capoeira desde que surgiu era conhecida como esporte de marginais, mas após alguns anos vem ganhando espaço na sociedade. No seu ponto de vista, o que está faltando para que se acabe tal preconceito?